

O JARDIM DE MNEMOSINE: MEMÓRIA E ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DO BAIRRO JARDIM EUROPA

Thiago Coelho Silveira^{*}
Juliana Lopes Aragão^{**}

Na realidade, cabe pensarmos as diferenças expressas na paisagem enquanto manifestações das contradições que estão no cerne do processo de produção do espaço. A cidade diferencia-se por bairros, alguns em extremo processo de mudança [...].

(Ana Fani Carlos)

O bairro Jardim Europa durante muito tempo foi relegado ao esquecimento por parte do poder público. Suas origens, ligadas à Usina Santana S/A, parecem ter sido impedoras de um maior beneficiamento da região, vista não como um bairro onde mora uma população carente de serviços públicos, mas como terras particulares.

Embora por muito tempo abandonado, desde a década de 1980 à década de 2000, ele vem surgindo com vigor, dando passos rumo à urbanização tão esperada. Entendemos que o que qualquer pessoa espera do lugar onde mora é ver o seu progresso, as melhorias das condições de vida, sua gente feliz.

Nesse sentido, temos percebido que aos poucos a região tem acompanhado o compasso de sua cidade, Teresina. Creche, escola, campo de futebol, posto de saúde são alguns dos elementos que fazem mudar a paisagem da região, ainda muito contida dentro dos limites rurais que a cercam. Se olhássemos o bairro de cima, perceberíamos como ele é uma ilha urbanizada em um meio rural. Rural porque possui elementos que assim o caracterizam, muito embora o bairro já esteja classificado dentro dos limites urbanos da capital. Desse modo, o Jardim Europa é ao mesmo tempo uma ilha e um ponto de passagem entre as duas macro-zonas de Teresina – a rural e a urbana.

Para Raquel Rolnik (2004), a cidade é o resultado do esforço conjunto de homens e mulheres. Uma obra magnífica que vem constantemente sendo alterada,

^{*} Mestrando em História pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Especialista em Docência no Ensino Superior pelo IESB/FAM. Graduado em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus Clóvis Moura (CCM). E-mail: silveiratc@yahoo.com.br

^{**} Doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professora do Departamento de Arquitetura e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: juliana_elias@uol.com.br

reelaborada no tempo para atender às novas necessidades que vão aparecendo. A cidade e seus bairros são ao mesmo tempo filhos e reféns de quem os cria, sujeitos a qualquer mudança de necessidade. Assim, “[...] A arquitetura da cidade é ao mesmo tempo continente e registro da vida social [...] É como se a cidade fosse um imenso alfabeto, com o qual se montam e desmontam palavras e frases” (ROLNIK, 2004: 17). Os bairros dessa cidade ajudam a formar esse alfabeto, a montar e desmontar palavras e frases. O bairro Jardim Europa, portanto, é uma dentre as inúmeras letras que compõem o alfabeto chamado TERESINA, mas uma letra que tem muito a nos contar.

(Re) Organizando o Jardim: a Usina Santana como eixo de mudanças espaciais

A pesquisa sobre o passado do bairro Jardim Europa foi ao mesmo tempo desafiadora e empolgante. Desafiadora por causa da dificuldade em encontrar fontes oficiais que falassem da região; empolgante porque sabemos que estamos nos debruçando sobre um objeto nunca antes estudado, pois como já falamos, a região tem passado despercebida aos olhos da pesquisa acadêmica.

Mas a dificuldade em encontrar fontes oficiais não se mostrou um obstáculo intransponível, porque diferente dos historiadores do século XIX, ditos positivistas, que buscavam narrar os fatos como realmente aconteceram a partir de um objeto dado e que se negavam a utilizar outras fontes senão as escritas e expedidas pelos órgãos oficiais (REIS, 2006), nosso trabalho se fundamenta ao mesmo tempo a partir da associação das fontes escritas às orais, quando possível. Empregando, portanto, uma metodologia de trabalho que abre espaço ao uso das fontes orais, e que também dá visibilidade àquilo que é visto como comum, que durante muito tempo foi marginalizado pela História (BURKE, 1997).

Entendemos e percebemos que o processo de urbanização do Jardim Europa não acontece na velocidade em que a população deseja, nem tampouco no mesmo ritmo que outras áreas urbanizadas da capital ou que passaram por esse processo no mesmo período em que estudamos o Jardim Europa. O bairro está inserido no chamado “Grande Dirceu” e, embora seja bem antigo, outros bairros residenciais mais novos apresentam um aparato urbanístico melhor equipado para atendimento à população.

Assim como o Jardim Europa, a região do “Grande Dirceu” é um espaço social e historicamente repleto de preconceitos e exclusões. Para Pierre Mayol,

[...] o bairro surge como o domínio onde a relação espaço/tempo é a mais favorável para um usuário que deseja deslocar-se por ele a pé saindo de sua casa. Por conseguinte, é o pedaço de cidade atravessado por um limite distinguindo o espaço privado do espaço público: é o que resulta de uma caminhada, da sucessão de passos numa calçada, pouco a pouco significada pelo seu vínculo orgânico com a residência (1996: 41, grifo do autor).

Dessa forma, caminhando pelo passado do Jardim Europa percebemos que o seu processo de urbanização passa por algumas etapas, sendo possível identificar de maneira bem clara dois momentos distintos: 1) A mudança de prédio da Usina Santana S/A e o reordenamento espacial da população; 2) A atuação do poder público na região que só acontecerá de maneira mais significativa a partir da segunda metade da década de 1990.

O Jardim Europa hoje se encontra dentro dos limites urbanos da capital, conforme nos mostra o *THE em Bairros Maio/2004*, mas essa situação já foi bem diferente. Sua história está ligada à instalação da Usina Santana. Esse empreendimento ocupou dois prédios diferentes durante os anos de sua existência e em torno destes foram se formando habitações ocupadas pelos seus trabalhadores, determinando decisivamente na organização espacial do local e no modo como as pessoas viviam.

Quando da instalação do primeiro prédio da Usina, houve uma necessidade de dar condições de moradia para os trabalhadores. Cada um recebia seu pedaço de terra, e lá poderia habitar. Nesse momento, constitui-se o povoado Usina Santana – uma aglomeração residencial existente nos entornos da Usina. Afirmamos, desse modo, que a necessidade dos moradores morarem nas proximidades do prédio surge por conta das instalações da Usina estarem em um meio rural. Naquele período, o início do século XX, a área urbana de Teresina se limitava ao espaço entre os rios Poti e Parnaíba (NASCIMENTO, 2002).

Como pode ser percebido, Teresina ainda era pouco desenvolvida urbanisticamente. No início do século XX, não contava sequer com uma rede permanente de transporte público urbano, que dirá rural. O desenvolvimento na cidade ainda não havia se imposto para além de suas margens fluviais. Do rio Poti até se chegar à Usina era necessário que se percorresse cerca de 14 a 16 km. Desse modo, a Usina

Santana S/A se encontrava instalada em um lócus espacial até certo ponto isolado. Assim, aqueles que decidissem trabalhar na produção de açúcar teriam que se deslocar de maneira quase que permanente. O transporte público urbano só será implantado em Teresina na década de 1940, reiterando nosso argumento acerca da necessidade de deslocamento permanente da massa de trabalhadores, criando o povoado Usina Santana.

Essa situação permanecerá inalterada por quase quatro décadas. Até que em 1975 ocorreu um incêndio, danificando as instalações da Usina. O fato levou seu dono a transferi-la para outro local, dessa vez dois quilômetros mais próximos da área urbana de Teresina naquele ano. Com tal mudança de prédio mudam-se também as pessoas.

A mudança de prédio e, conseqüentemente, a mudança dos moradores, está de acordo com o que nos é apresentado por Roberto Lobato Corrêa, segundo o qual:

Os grandes proprietários industriais e das grandes empresas comerciais são, em razão da dimensão de suas atividades, grandes consumidores de espaço. [...] A terra urbana tem assim, em princípio, um duplo papel: o de suporte físico e o de expressar diferencialmente requisitos locacionais específicos às atividades (CORRÊA, 2002: 13).

A instalação da Usina naquela área da cidade não deve ter sido uma escolha sem fundamento. Considerando o tipo de atividade exercida pelo empreendimento, aquele local atendia bem às suas necessidades, em razão da área que dispunha para produção. Isso também emitiu ressonâncias na maneira como os trabalhadores passaram a ocupar as proximidades da empresa, estabelecendo uma estreita relação da Usina com o estabelecimento dessa produção na região. De maneira que entendemos que os requisitos locacionais, mencionados por Corrêa, devem estar ajustados tanto à produção da Usina como à moradia dos trabalhadores.

O *Perfil da Zona Rural de Teresina* nos traz informações significativas sobre o início da formação desta localidade, contando muito de Teresina. Assim, informa-nos que “O povoado originou-se do Povoado Usina Santana. É um loteamento residencial popular, com características urbanas. [...]” (TERESINA, 1995: 48). Aqui destacamos como o rural é sobreposto ao urbano. Apesar de tratar-se de um povoado da zona rural, o autor dá ênfase às suas características de loteamento residencial popular urbano. Nesse momento, mesmo ainda na condição de povoado rural o Jardim Europa já mostra

seu potencial de urbanidade. Potencial que foi criado juntamente com o próprio nascimento do loteamento.

Para entender melhor esse processo, fizemos uso da metodologia da história oral como forma de aumentar a variedade de fontes para fundamentar nossa argumentação. Nesse sentido, concordamos com Gwyn Prins quando aponta que:

[...] A questão é que o relacionamento entre as fontes escritas e orais não é aquele da prima-dona e de sua substituta: quando a escrita falha, a tradição sobe ao palco. Isso está errado. As fontes orais corrigem as outras perspectivas, assim como as outras perspectivas as corrigem (1992: 166).

Dessa forma, concordamos com Prins, pois não consideramos que a fonte oral, construída a partir da coleta de depoimentos, seja apenas uma fonte auxiliar, complementar à fonte escrita. Entendemos que assim como a fonte escrita, a fonte oral pode fazer surgir novas possibilidades de olhar nosso objeto de análise.

Retomando, então, nossa discussão em torno da mudança de prédio da Usina Santana, destacamos a fala do Sr. Antônio Carlos de Sousa Campos, o qual relata que após a mudança de prédio da Usina, o Sr. Ivan Santiago – o então dono do empreendimento, assim procedeu:

Com a passage de lá pra cá, da santana velha pra cá, ele já declarando já falência não tinha mais outra coisa loteou o Jardim Europa. Ele loteou o Jardim Europa pra ir mantendo suas dívidas, né. Aí quando ele loteou, ele criou a Imobiliária Jardim Europa. Ele criou a imobiliária Jardim Europa, essa imobiliária Jardim Europa tinha recibo, tinha tudo (CAMPOS, 2010).

Essa fala é bastante significativa, pois mostra as estratégias utilizadas pelo dono da Usina buscando a sobrevivência de seu empreendimento. Para isso, ele criou um outro empreendimento visando gerar lucros para manter sua produção e os trabalhadores que dela dependiam. Ao mesmo tempo, sua decisão terá um reflexo importantíssimo na (re)organização espacial da região naquele momento, direcionando o sentido de seu crescimento urbanístico dali por diante. Assim, a criação do Jardim Europa terá um duplo papel: alocar os trabalhadores vindos das terras antes próximas ao primeiro prédio da Usina; como também servir de gerador de renda para pagar parte das dívidas da Usina.

Ao tentar salvar a Usina, o Sr. Ivan acaba por fazer nascer um novo loteamento com características urbanas em um meio totalmente rural, na passagem dos anos 70 para os 80. Esse fato, nos faz lembrar das falas de Corrêa quando indica como os usos que se fazem do espaço urbano interferem em sua produção. Segundo o autor,

[...] Tais usos definem áreas, como o centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, de serviços e de gestão, áreas industriais, áreas residenciais distintas em termos de forma e conteúdo social, de lazer e, entre outras, aquelas de reserva para futura expansão. Este complexo conjunto de usos da terra é, em realidade, a organização espacial da cidade ou, simplesmente, o espaço urbano, que aparece assim como espaço fragmentado (CORRÊA, 2002: 7).

Assim, a cidade vai se organizando conforme os usos que as pessoas fazem do espaço ocupado, definindo áreas de maior ou menor concentração de renda e fluxo de atividades. No caso do Jardim Europa, sua organização como bairro depende diretamente do uso que o dono da terra, o Sr. Ivan, assim o faz.

Corrêa ainda destaca que a produção do espaço urbano sofre a interferência de vários agentes empenhados em fazer e refazer a cidade, seus bairros, seus espaços. São eles: “(a) os proprietários dos meios de produção, sobretudo os grandes industriais; (b) os proprietários fundiários; (c) os promotores imobiliários; (d) o Estado; e (e) os grupos sociais excluídos” (CORRÊA, 2002: 12). De maneira que percebemos como o Jardim Europa não foge ao quadro montado pelo autor, sendo fruto da intervenção direta da ação do primeiro elemento apontado, os grandes industriais.

No entanto, mesmo a ação de um grande industrial sofre intervenções e sanções, pois devem estar dentro de um marco regulatório jurídico que legitime a sua atuação. Segundo Corrêa, “Este marco não é neutro, refletindo o interesse dominante de um dos agentes, e constituindo-se, em muitos casos, em uma retórica ambígua, que permite que haja transgressões de acordo com os interesses do agente dominante” (2002: 12). Nesse caso, a ação do industrial Ivan vai de encontro ao marco regulatório jurídico da Prefeitura de Teresina naquele momento. A venda de lotes foi interrompida, conforme nos conta o Sr. Antônio Carlos:

Aí ele meteu os topógrafos aqui dentro, por que todo usineiro já tem uma equipe de topógrafo, de topografia, que trabalha pra ele. Então cortaram isso aqui. Quando lotaram todim lote por lote, aí foi vender. Que era exatamente pra tirar uma parte do prejuízo da empresa. Aí quando começou

vender a Prefeitura chegou e barrou. Por que que barrou? Por que naquele tempo existia uma lei que proibia fazer lote rural de 10 por 25. O lote rural tinha que ter no mínimo de 3 hectare pra frente. Existia essa norma. Então, aí foi barrado. A Prefeitura privou. Aí muita gente, ele já teve foi que devolver o dinheiro de muita gente que já tinha comprado particular. Aí ficou o loteamento impancando, impancado na justiça tentando liberar. Tentando entra uma liminar, uma coisa e tal, tentando liberar (CAMPOS, 2010).

A intervenção da Prefeitura, dessa forma, representou um obstáculo para a tentativa do proprietário da Usina de diminuir suas perdas, representando, na verdade, mais um revés econômico para o seu empreendimento. Pois, como afirma o Sr. Antônio Carlos, ele acabou por devolver o dinheiro daqueles que lá compraram terrenos. Ainda segundo nosso entrevistado, o proprietário teria vendido as terras onde ficavam o antigo prédio da Usina, transferindo para o Jardim Europa os moradores que ainda estavam lá. Depois desse fato, ele ainda teria perdido uma outra parte das terras em uma aposta de cavalos, trazendo de vez a porção dos trabalhadores e moradores que ainda não estavam no Jardim Europa. Aliando essa situação à intervenção da Prefeitura, impedindo a venda dos lotes, não haveria nada a fazer a não ser acomodar esses moradores.

Acompanhando a trajetória da Usina, percebemos que ela não teve apenas um dono durante sua existência. O último deles, o Sr. Ivan, acabou por dar terra para pessoas que inclusive não trabalhavam no seu empreendimento. Segundo a Sra. Adelaide de Sousa Campos,

Tá com 25 anos que eu tô aqui, num é só com vinte não. Eu vim pra cá por que eu morava no Centro, lá é era as coisas, tudo é era aleia. Nada era meu. Aí arranjei pra cá, vim pra Toca da Raposa. Da Toca da raposa vim pra cá, por que tava loteando isso aqui na Usina Santana aí pedi um pedacinho e me deram (CAMPOS, 2010).

De maneira que vamos percebendo como a Usina foi congregando pessoas em seu redor, mesmo aquelas que não estavam ligadas diretamente ao seu eixo produtivo. O caso da Sra. Adelaide é representativo de muitos outros que, segundo ela mesma, também encontraram nessa região um lugar para morar. Esse loteamento a que Sra. Adelaide se refere diz respeito ao hoje Jardim Europa.

No momento da chegada da Sra. Adelaide no bairro sua estrutura era bastante diferente daquela que encontramos hoje. As condições de moradia, o acesso à educação,

saúde e lazer eram bastante diferenciados. O Sr. Antônio Carlos concorda com a caracterização feita por Sra. Adelaide quando da sua chegada no bairro, ainda na condição de povoado rural. Assim, ele nos conta:

Aqui era só mermo, só as ruazinha mermo cortada de trator. Naquele tinha muita máquina, por causa da Usina. Tudim foi feito com trator. Eu me lembro como se fosse hoje. [As casas] eram tudim de palha. O colégio, posto médico, a igreja já existia. Fizeram essa aí às pressa (CAMPOS, 2010)

Tal caracterização muito mais do que nos falar das condições estruturais do povoado, conta-nos a respeito das população que lá habitava. Uma população pobre que como tal vivia em condições precárias. As moradias da população eram feitas de taipa e cobertas de palha – casas características de uma população que tem pouco acesso à renda ou, mesmo tendo-o, tal renda não se mostra o suficiente para que se façam moradias de melhor qualidade.

A relação da Usina Santana com a (re)organização espacial do bairro vai além da simples alocação dos trabalhadores. Os moradores do Jardim Europa acabavam por fazer uso do que nossas fontes orais chamaram de “Casarão”. Este era um comércio que fornecia mantimentos para a população moradora do bairro. Assim, a ligação que as pessoas mantinham com aquele empreendimento ultrapassa os vínculos da relação de trabalho e moradia. Mesmo com o processo de declínio da Usina já estando em andamento durante esse momento de (re)organização espacial do bairro no período que se estende da década de 1970 a 1980, o empreendimento não vai deixar de cumprir suas funções como sustentáculo da região. Seja como gerador de trabalho ou mesmo como fornecedor de alimentos na falta de outros comércios que pudessem desempenhar tal função.

Isso justifica, aos nossos olhos, a forte relação de afetividade que a população guarda em relação a Usina e seu proprietário. Na fala da Sra. Adelaide ele aparece como um “homem de coração muito bom” (CAMPOS, 2010) que muito fez pelas pessoas que habitavam no bairro. Assim, Mayol nos lembra que:

[...] a caminhada de quem passeia pelo seu bairro é sempre portadora de diversos sentidos: sonho de viajar diante de uma certa vitrine, breve sobressalto sensual, excitação do olfato sob as árvores do parque, lembranças de itinerários enterradas no chão desde a infância, considerações alegres, serenas ou amargas sobre o seu próprio destino,

inúmeros “segmentos de sentido” que podem ir um tomando o lugar do outro conforme se vai caminhando, sem ordem e sem regra, despertadas ao acaso dos encontros, suscitadas pela atenção flutuante dos “acontecimentos” que, sem cessar, se vão produzindo na rua (1996: 44).

Quando entrevistamos a Sra. Adelaide, bem como os demais entrevistados, tivemos a sensação de que eles caminhavam pelo bairro desencavando seu passado. Quando descrevem a paisagem de suas ruas é como se um sentimento de nostalgia os tomasse de conta no flutuar da narrativa dos acontecimentos. Nessa caminhada ou escritura se entrecruzam histórias e histórias que atravessam o bairro e as pessoas que nele constroem sua espacialidade e sua memória.

A memória do bairro ligada à Usina tem deixado se perceber até na forma como o bairro é denominado. Muitas vezes essa memória provoca um confronto de identidades entre o que é a Usina Santana e o que é o Jardim Europa. Na seção seguinte nos debruçaremos mais especificamente sobre o modo como o bairro é denominado e a relação existente entre tal denominação e sua memória.

“Santana velha”, “Santana nova” ou “Jardim Europa”?

A presença da Usina na região foi tão marcante a ponto de hoje, quando o poder público inicia obras no bairro, as placas publicitárias mostram que a obra está acontecendo na Usina Santana, fazendo referência ao antigo nome do bairro (Povoado Usina Santana) que hoje é chamado de Jardim Europa. Para entender o porquê disso, procuramos a Superintendência de Desenvolvimento Urbano – SDU, responsável pela zona Sudeste. Lá percebemos que Usina Santana e Jardim Europa são denominações que o bairro recebe. A partir disso depreendemos que as fontes que tratam do bairro Usina Santana estão na verdade fazendo referência ao Jardim Europa.

Essa divergência de nomes se dá por conta da criação da Imobiliária Jardim Europa, conforme nos contou o Sr. Antônio Carlos. A partir daquele momento a memória da população passou a ser reelaborada em torno da absorção desse novo nome dado para a localidade. Segundo Michael Pollack, que discute o conceito de memória coletiva sob a seguinte perspectiva do sentimento de pertencimento às fronteiras socioculturais a:

memória coletiva de um determinado grupo, uma memória estruturada com suas hierarquias e classificações, uma memória também que, ao definir o que é comum a um grupo e o que, o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras sócio-culturais. (POLLACK, 1989: 3).

De tal modo que a mudança de nome vai gerar ressonâncias nessa memória coletiva, a partir do momento em que o processo de reelaboração da memória vai se firmando. Para algumas pessoas o bairro simplesmente tem os dois nomes; para outros, no entanto, como para o Sr. Antônio Carlos, a mudança de nome se mostra como fruto de um processo que deixa entrever as relações de poder que atuavam na região, principalmente aquelas vinculadas à Usina Santana S/A. Assim, notamos que alguns moradores internalizaram a tal ponto a denominação Jardim Europa, que pouco se questionam sobre o motivo da mudança ou nem mesmo sabem ou lembram do estabelecimento da Imobiliária.

Para nós, essa divergência de nomes também tem a ver com a mudança de status da região entre o rural e o urbano. Dessa forma, Usina Santana aparece como um reforçador do caráter rural da região, enquanto que Jardim Europa aparece como um elemento enfatizador da urbanização que o bairro sentiu e tem sentido.

É interessante como os moradores mais antigos do bairro ainda se veem como zona rural; quando vão ao centro da cidade é comum ouvi-los dizer que vão para Teresina, evidenciando a forte ligação que sua memória ainda guarda com o lado rural da região. Como percebemos na fala da senhora Maria de Nasaré Sousa Alves, quando indagada acerca do caráter urbano ou rural do bairro, ela responde:

Meu fii, esse povo novo de hoje é que diz que isso aqui já é cidade, né, pode até ser modo de que aqui já cresceu muito mas eu mermo ainda acho que aqui tem muito do interior. É muito longe de Teresina. Ave Maria! Mas demora chegar em Teresina quando vô buscar meu dinheiro. Mas mermo assim eu gosto daqui (ALVES, 2010).

A ideia de que o bairro ainda é uma parcela da zona rural da cidade é algo marcante na memória da Sra. Maria de Nasaré. É interessante perceber que, mesmo enfatizando a distância do bairro em relação ao centro da cidade, esta moradora afirma gostar de morar ali. Sem dúvida o seu elo com o bairro é muito mais do que necessidade de moradia; já criaram-se laços afetivos que vão mais além do que uma mera relação de

ocupação (POLLACK, 1989). Da fala desta moradora também podemos depreender a dicotomia urbano-rural em que o bairro está inserido. Para ela não importa o quanto o bairro tenha crescido, a sua distância da centro da capital o distancia da urbanização. Percebemos assim como a ideia de modernização está ligada à de progresso, mesmo quando as pessoas sequer a percebem.

As visões do rural e do urbano nos são apresentadas por Raymond Williams (1973) quando tematiza essa oposição vivida por nós, moradores da cidade, cotidianamente. Assim, o autor nos apresenta o espaço campestre, rural como um lugar onde “the cool country that is sought is not that of the working farmer but of the fortunate resident” (1973: 46-47). Já a vida urbana é representada como “This teeming life, of flattery and bribery, of organised seduction, of noise and traffic, with streets unsafe because of robbers” (1973: 46). Assim, percebemos como campo e cidade são elementos que, para o autor, se chocam, mas que no caso do Jardim Europa são complementares.

Tratando do antigo Povoado Usina Santana, que apresenta-se como originador do Jardim Europa, o *Perfil da Zona Rural de Teresina* aponta que “O povoado recebe o nome de uma Usina de Açúcar em função de uma grande indústria de açúcar instalada no início do século e que grande impacto deu a Economia Piauiense. O Projeto original foi elaborado por técnicos ingleses” (TERESINA, 1995: 80). A partir deste texto, percebemos como os dois povoados inicialmente têm forte ligação com a Usina ao mesmo tempo em que confirma o que se passa no imaginário da população local. Para esta, o Povoado Usina Santana é a conhecida “Santana Velha” e o hoje bairro Jardim Europa, que na transcrição acima ainda é tratado como povoado, se refere à “Santana Nova”, justamente por ter sido originado a partir do antigo povoado, da “Santana Velha”. A mesma passagem nos ajuda a entender como a Usina assume papel significativo como elemento afirmador da modernização de Teresina naquele período. A marca significativa é a menção de que o projeto é de técnicos da Inglaterra, país considerado modelo mundial de desenvolvimento, pois foi lá, nas ruas de Londres que a industrialização cresceu.

Assim, vamos notamos como a modernidade está, quer queiramos ou não, ligada às mudanças nas paisagens, seja em nível de uma cidade ou de um bairro. Para que essa mudança possa ocorrer, o poder público, ao lado do poder privado, assume

papel significativo na medida em que empreende mudanças desde o status no bairro de rural para urbano até as mudanças materiais. No caso específico do Jardim Europa, é importante notar como o próprio poder público municipal ora o trata como espaço urbano, ora como espaço rural, demonstrando que essa é uma região limítrofe entre o rural e o urbano em Teresina, evidenciando a fronteira na qual ela está inserida na interpretação estatal e também da própria população. Talvez justamente por estar nessa zona limítrofe é que a Usina Santana não aparece nas obras sobre modernização em Teresina nas primeiras décadas do século XX, naquele momento uma localidade extremamente rural, longe dos holofotes da cidade moderna.

Mesmo hoje com a mudança de nome de Usina Santana para Jardim Europa, as pessoas das áreas vizinhas continuam a denominar o bairro de “Santana”. De tal modo que temos percebido que o bairro vive imerso em uma não definição de sua existencialidade. Enquanto por um lado ele se apresenta como urbano, enquadrado pela própria Prefeitura nessa delimitação; de outro, ainda se mostra muito rural, interiorano, se olharmos para os seus entornos, o modo de vida dos mais velhos – ainda muito ligado às atividades campestres. Essa dicotomia marca a trajetória do bairro, não nos permitindo afirmar em que zona de classificação o bairro está, muito embora a Prefeitura o enquadre nos limites urbanos da cidade (TERESINA, 2004). De tal modo, que a modernização tem se apresentado sob o véu do desenvolvimento e das facilidades, que para a D. Nasaré estão limitadas às zonas limítrofes do centro urbano e comercial de Teresina.

Os herdeiros e atuais donos das antigas terras da Usina, ao que parece, negam-se a assinar documento que torne oficial a doação das terras pela Usina, tornando o processo de legalização das moradias ainda mais demorado. De maneira que a SDU-Sudeste, afirma que, por enquanto, a Prefeitura Municipal nada pode fazer. As terras são vistas pelo poder público como terras de ocupação e, portanto, são de origem privada. Isso inclusive dificultou por muito tempo a realização de benfeitorias na localidade. Dificultou mas não impediu em sua totalidade.

Considerações Finais

Pesquisar os bairros da cidade de Teresina, tem sido um tema cada vez mais abordado por aqueles que têm se iniciado na pesquisa científica. Especialmente, por nos encontrarmos em um meio acadêmico que tem valorizado tais pesquisas. Ao mesmo tempo, a produção historiográfica sobre Teresina tem dado um salto qualitativo na medida em que podemos compreender melhor o espaço de nosso habitat.

Cada pesquisa que surge sobre um bairro é uma nova face de Teresina que é dada a conhecer. Segundo Certeau,

Tudo se passa como se uma espécie de cegueira caracterizasse as práticas organizadoras da cidade habitada. As redes dessas escrituras avançando e entrecruzando-se compõem uma história múltipla, sem autor nem espectador, formada em fragmentos de trajetórias e em alterações de espaços: com relação às representações, ela permanece cotidianamente, indefinidamente, outra (1994: 171).

No entrecruzar dessas histórias ou dessa “história múltipla” – para usar a expressão de Certeau – muitas temáticas vão surgindo e suscitando outras indagações. Acerca do bairro Jardim Europa muita há para ser contado, mas por enquanto chegamos à conclusão de que falar do processo de formação do Jardim Europa é falar também da Usina Santana, sobretudo por que durante seus anos de existência a relação com o bairro foi muito forte, como o é até hoje. Na medida em que entrevistamos os moradores percebemos como essa empresa se firmou em suas memórias, indo muito além das relações de trabalho chegando. De fato, formaram-se elos afetivos muitos coesos e que têm alimentado as investigações desta pesquisa.

Referências e Fontes

ALVES, Maria de Nasaré Sousa. *Depoimento concedido a Thiago Coelho Silveira* em 18 set. 2010.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia*. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

CAMPOS, Adelaide de Sousa. *Depoimento concedido a Thiago Coelho Silveira* em 19 set. 2010.

CAMPOS, Antônio Carlos de Sousa. *Depoimento concedido a Thiago Coelho Silveira* em 19 set. 2010.

- CARLOS, Ana Fani A. *A Cidade*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CORRÊA, Roberto Lobato. *O espaço urbano*. 4 ed. São Paulo: Ática, 2002.
- MAYOL, Pierre. Morar. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; _____. *A invenção do cotidiano*: 2. Morar, cozinhar. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. p. 35-185.
- NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *A cidade sob o fogo*: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945). Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2002.
- POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. v. 2, n. 3, 1989. p. 3-15.
- PRINS, Gwyn. História Oral. In: BURKE, Peter (org.). *A Escrita da história*: novas perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 1992. p. 163-198.
- ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- TERESINA. *Teresina em bairros Maio/2004*. Teresina: Secretaria Municipal de Planejamento, 2004.
- _____. *Perfil da Zona Rural de Teresina*. Teresina: Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento, 1995.
- WILLIAMS, Raymond. *The country and the city*. New York: Oxford University Press, 1973.